



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**Da cultura à política pública cultural em Salvador:** demarcadores  
sociais e contribuições para o Serviço Social

MARIVALDO GOMES GONÇALVES

Salvador

2021

MARIVALDO GOMES GONÇALVES

**Da cultura à política pública cultural em Salvador: demarcadores  
sociais e contribuições para o Serviço Social**

Monografia apresentada ao curso de graduação  
em Serviço Social, Instituto de Psicologia,  
Universidade Federal da Bahia, como requisito  
para obtenção de grau de bacharel em Serviço  
Social.

Professora Orientadora: Dra. Samira Safadi  
Bastos

Salvador

2021

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à Maria Rita Gomes Gonçalves, responsável por me conceber, gerar e educar. Me ensina a ser forte nos momentos de tormenta como este que vivemos e tantas outras que vivi, a esta mulher lutadora que me guiou na vida até este momento; é graças a ela que eu posso estar agora escrevendo este singelo relato, minha maior referência na vida, minha mãe.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus sinceros agradecimentos às professoras do curso que proporcionaram vivências e aprendizados que carregarei sempre comigo na carreira profissional. Meus sinceros e mais profundos agradecimentos!

À universidade Federal da Bahia, por me proporcionar este espaço de formação profissional, pelas vivências.

Agradeço ao Quilombo do Orobu pela construção e consolidação da perspectiva e realidade de cursar a faculdade e agora, depois de um longo período, o fim de um ciclo se inicia e este fim que começou lá no Quilombo; sou grato por essa experiência também.

Agradeço ao Juventude Ativista de Cajazeiras pela caminhada, suporte, realizações e sonhos conjuntos. Parte deste trabalho devo a este coletivo que também sou eu.

Agradeço a todos, todas, todes e tdxs, que por ventura o assalto da memória não me permita fazer uma referência direta, saiba que gratidão é o que sinto pela nossa experiência.

## **RESUMO**

Este trabalho visa a relacionar o conceito de cultura com a política cultural consolidada em Salvador até o ano de 2017. Debatesmos o conceito de cultura dentro das ciências humanas desde o nascimento da palavra até a sua consolidação como conceito. Discutimos ainda a cultura como política pública na cidade de Salvador no período de 2013 a 2017 a partir de dois documentos oficiais, quais sejam: o Relatório de Gestão e o Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da Cidade de Salvador. Portanto, partimos do conceito de cultura até a política cultural. As metodologias utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, a pesquisa exploratória e a observacional participante (GIL,2008). Buscamos através da teoria crítica um olhar mais amplo que evidencie nesta política pública demarcadores de classe social, raça e território, podendo desta maneira trazer contribuições ao Serviço Social em um terreno pouco explorado na categoria profissional.

Palavras-chave: Cultura, Demarcadores Sociais, Política Pública, Serviço Social.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
SEÇÃO I.....	19
O NASCIMENTO DO CONCEITO DE CULTURA.....	22
A CULTURA NA SOCIOLOGIA .....	24
SALVADOR: BREVE HISTÓRICO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL .....	30
SEÇÃO II.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
Referências:.....	47

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –Rendimento médio/ cor/ raça bairro da Barra em salvador.....	24
Figura 2 - Rendimento médio/ cor/ raça bairro da Valéria em salvador.....	26
Figura 3 – Mapa da Cultura de Salvador .....	28

**LISTA DE SIGLAS**

FGM- Fundação Gregório de Matos

CPMPC- Conselho Municipal De Política Cultural

SECULT- Secretaria Municipal De Cultura E Turismo

JACA- Juventude Ativista de Cajazeiras



## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso visa a relacionar o conceito de cultura com a política cultural consolidada em Salvador até o ano de 2017. O interesse pelo tema está diretamente ligado à busca por compreender a política de cultura, o que neste momento da historiografia brasileira afeta diretamente os rumos da formação e atuação profissional. Assim, a caminhada junto à produção cultural e a graduação em Serviço Social respondem pelo nosso interesse para com a política de cultura.

Destarte, entendemos que as respostas que o Serviço Social pode dar em seu exercício profissional estão associadas a um conhecimento sólido sobre a política social a qual está vinculada à realidade sócio histórica e político-cultural da qual faz parte. Desse modo, entendendo a cultura como direito, é importante compreender estes processos, pois, cabe ao Serviço Social, e não somente a ele, a defesa da garantia dos direitos, visto que as políticas públicas compõem o cenário principal do cotidiano do exercício profissional. Assim, esta pesquisa se justifica pela minha trajetória em torno de atividades culturais de cunho político e formativo, as quais tiveram início em 2004 quando da minha entrada no Movimento Juventude Ativista de Cajazeiras, o JACA. Desde então a arte esteve em meu cotidiano seja produzindo, promovendo e organizando movimentos em torno da temática, seja na busca pela sensibilização política da comunidade, sobretudo da juventude do bairro. Desenvolvi alguns projetos junto a este grupo financiados através de chamadas públicas. Sou músico e na minha caminhada como artista vivencio a realidade de muitos artistas de Salvador sobretudo afrodescendentes. Desse contexto surge a necessidade de compreensão da política pública de cultura em Salvador no período de 2013 a 2017, a partir de um olhar crítico, o que não deixa de ser uma contribuição do próprio Serviço Social e ao mesmo tempo traz reflexões para ele mesmo. E, sobretudo há que se destacar o retorno do conhecimento adquirido nas diversas vivências da universidade, que são parte da minha vida e da minha comunidade nesse processo de idas e vindas e trocas de saberes.

Em termos de pesquisa bibliográfica, gostaríamos de iniciar pontuando que o entendimento da cultura sugere que não a coloquemos dentro de um conceito, pois é de sua natureza fugir da nossa razão. Nesta direção, na Primeira Seção, debatemos o conceito de cultura dentro das ciências humanas a partir de textos que abordam desde o nascimento da

palavra até a sua consolidação como conceito, percebendo as especificidades dessa trajetória, sobretudo na França e Alemanha, e posteriormente adotaremos um viés antropológico e sociológico. Assim, buscamos aproximações através de autores como Cuche (2009), Laraia (2006) e Santos (1987).

Já no que diz respeito à pesquisa documental realizada, buscamos documentos oficiais das instituições responsáveis pela gestão da cultura na cidade de Salvador no período de 2013 a 2017. Desse modo, na Segunda Seção consideramos dois principais documentos, a saber: o Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da Cidade de Salvador – que tem seu marco até 2017 - e o Relatório de Gestão de 2013-2016, ambos publicados pela Fundação Gregório de Matos (FGM). Esses documentos permitem estudos e reflexões profícuas para uma discussão acerca das atividades desenvolvidas ao longo deste período.

Ademais, os documentos mencionados fornecem elementos para identificarmos as realizações, os impactos e as projeções da política cultural soteropolitana no período mencionado, amparados no esforço intelectual de localizar indícios de demarcadores de classe, raça e território, sob a lente da teoria crítica. Ou seja, cada momento sócio histórico será situado, as especificidades não serão ignoradas, guardaremos as proporções, buscaremos avançar naquilo que está no imediato, sem desprezá-lo, mas buscando avançar para a essência dos fenômenos, e por fim, mas não menos importante, considerando as disputas existentes em cada processo estudado.

O valor destes dois documentos reside na sua combinação, uma vez que o Relatório de Gestão, apesar de apresentar dados chamativos, carece de contexto. Quando combinado ao Diagnóstico, que é posterior e que faz referência ao período coberto pelo primeiro se torna uma ferramenta ímpar, e temos então as condições para desenvolver boas reflexões sobre a política pública de cultura em Salvador.

Neste sentido, vindo destas reflexões sobre cultura até política pública cultural, a partir dos demarcadores sociais supracitados, buscamos compreender a política cultural estabelecida em Salvador. O intuito não é esgotar o debate sobre a política, dada sua complexidade, nosso modesto recorte, e nossa rasa experiência nesta área da gestão cultural. Assim, vale ressaltar que esta pesquisa é de caráter exploratório, bibliográfico, documental, e observacional participante, já que em termos do estudo do conceito e da política que ora se apresenta, a nossa pouca experiência é um fato, ainda que não neófito neste mundo da cultura, pelo viés acadêmico e pelas possibilidades para a produção do conhecimento, apesar de possuir experiência nos caminhos da arte e da cultura. Os aspectos metodológicos apresentados nesta pesquisa são balizadores e produtos da mesma realidade, ou seja, é um movimento exploratório, pois, na

formação em Serviço Social o contato com temas ligados a cultura é raro, bibliográfico pela necessidade de uma mínima aproximação com a vasta literatura disponível quando o assunto é a Cultura como conceito, documental pois utiliza registros institucionais de entidades ligadas a Política Pública de Cultura de Salvador como uma das fontes de dados, e por fim, como observacional participante (GIL,2008), contribuo ativamente para o desenvolvimento do cenário cultural da cidade.

Pensar a cultura é aceitar a condição de que ela é infinita como conceito e como atividade humana, pois, ela está presente em tudo que fazemos e pensamos. Conformada em política pública, quais aspectos ela adquire em termos de raça, classe e território? Em torno desta pergunta girará o trabalho que se segue. Por isso, é importante dizer desde já que nenhuma política pública estará livre das imposições do capitalismo em sua maneira hodierna e lógica essencial de se manter e se reproduzir segundo a exploração dos homens entre si e sobre a natureza. Tão logo pensamos que a política pública de cultura de Salvador não estará obviamente isenta destes ditames, que provem das relações extremamente assimétricas do capital.

A pesquisa que se segue não se exaure neste trabalho; ela é parte de uma caminhada. É mais um passo dado em direção para o que representamos no mundo: a junção do Serviço Social com a arte e a cultura, em vias de processo de luta. A contribuição que podemos oferecer é do tamanho da que receberemos nesta ação de troca de entendimento e, sobretudo de resistências e invisibilidades que é o mundo da cultura.

Isso posto, adentramos no mundo da cultura, pesquisando-a enquanto política pública, nos guiando nos intercursos e percursos a partir da questão norteadora deste TCC, qual seja: Conformada em política pública, quais aspectos ela adquire em termos de raça, classe e território?

## SEÇÃO I

Nosso trabalho inicia-se com a tarefa de entender o conceito de cultura. Como palavra, ela tem usos a perder de vista. Buscamos contribuir para trazer elementos que possam introduzir o Serviço Social na agenda nacional da política de cultura. Eu, enquanto Assistente Social em formação, compreendo que toda a ação do Estado desenvolvida através de políticas públicas sociais deve ser apreendida pelo Serviço Social, por exemplo: em uma comunidade tradicional Quilombola, cada mais velho é uma gigantesca biblioteca, ter conhecimento disso possibilitaria, por exemplo, para a Assistente Social se aproximar, por exemplo, da história da comunidade em questão.

Ampliar nossa rede de trabalho, fomentar parcerias e discutir inovações perpassam por influenciar nossa prática como profissionais e sem dúvidas contribui para a ampliação do nosso “mundo” como assistentes sociais. Assim, como já explicitamos no início, neste item nos ateremos à explicação do verbete cultura, para mais adiante, neste trabalho poderemos refletir sobre ela na qualidade de política pública.

A história de uma palavra pode revelar detalhes sobre a própria História, elementos de transformação social, rompimentos de condutas e revoluções. A palavra em questão aqui é *cultura*, de origem latina que denota o cultivo da terra, ou a própria terra cultivada.

Sobre as origens, Cuche (2009) coloca os rumos da palavra associados à França e à Alemanha, sobretudo, acerca dos conflitos políticos envolvidos em seu uso e os rumos que cada formação social desta palavra tomou. A cultura na França, segundo este autor, é utilizada desde o século XIII associada ao cultivo da terra ou à terra cultivada, e guarda semelhanças com a própria etimologia da palavra no latim. O espírito cultivado pela conduta acadêmica, além do patrimônio intelectual que pode ser acumulado e transmitido, já são usos que datam do século XVIII com a introdução do uso figurado do termo cultura.

Logo, a palavra cultura faz sua entrada com este sentido no Dicionário da Academia Francesa (edição de 1718) e é então, quase sempre, seguido de um complemento: fala-se da "cultura das artes", da "cultura das letras", da "cultura das ciências", como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada (CUCHE, 2009, p. 20).

No século XVIII, a cultura já possuía uso corrente na língua francesa, há pelo menos 500 anos. Nota-se aqui a gênese da noção de cultura associada ao acúmulo de informações pela atividade acadêmica, bem como o uso da palavra cultura na realização de locuções linguísticas, designando a cultura como “a coisa cultivada” (CUCHE, 2009). Usamos, assim, até os dias

atuais esse sentido histórico dado ao termo problematizado enquanto forma de palavra. Como conceito, veremos em páginas futuras, ainda neste capítulo, os caminhos percorridos e desenhados nesse sentido.

Até aqui vimos que Cuche (2009) situa o uso da palavra na França desde a época feudal até o século XVIII, em um contexto de revoluções sociais e produtivas, e nesse turbilhão, a palavra cultura, herdada do latim, guarda significados do tempo em que tinha contato com a terra, colhida para enfeitar as cabeças, deixando, assim, uma fina raiz que ainda permanece até o tempo presente. O saber acumulado, ou mente cultivada pela labuta acaba sendo a tradução de certa forma do que a cultura carrega consigo ou como bem poderíamos dizer é carregada.

O uso de "cultura" e de "civilização" no século XVIII marca então o aparecimento de uma nova concepção dessacralizada da história. As ideias otimistas de progresso, inscritas nas noções de "cultura" e "civilização" podem ser consideradas como uma forma de sucedâneo de esperança religiosa. A partir de então, o homem está colocado no centro da reflexão e no centro do universo (CUCHE, 2009, p. 23).

A cultura e civilização na França influenciaram o movimento que colocou a espécie humana como o centro de universo, o antropocentrismo tira da religião um poder magistral, o da criação da humanidade. Engels (1876), em seu texto *Transformação do Macaco em Homem*, relata a origem animal da humanidade, bem como o processo evolutivo que contribuiu para o desenvolvimento de mãos e um cérebro preparados para lidar com o cotidiano desafiador em contato com a natureza, e como resultado disso, o trabalho. Voltando para cultura, já vimos que ela é usada há muito tempo na França e Cuche (2009) afirma que é na Alemanha e na França que as bases do conceito de cultura são construídas, logo, seria dessas duas formações sociais, o legado do conceito de cultura.

A Alemanha sofre influência do significado francês da cultura, mas precisa romper com ele, adotando um caráter de valorização nacional. A polarização cultura (Kultur) *versus* civilização coloca na vida social uma dicotomia entre os que se expressam em francês (corte alemã civilizada) contra os burgueses (alemães nacionalistas), que buscavam a valorização nacional e o resgate da identidade alemã. Impressionante o poder de uma palavra, capaz de estar envolvida no desencadear de uma guerra. Essa polarização culminará nas ideias Nazistas da II Guerra Mundial. “Diante do poder dos Estados vizinhos, a França e a Inglaterra em particular a "nação" alemã, enfraquecida pelas divisões políticas, esfacelada em múltiplos principados, procura afirmar sua existência glorificando sua cultura” (CUCHE, 2009, p.27). Esse relato se refere a Alemanha após a I Guerra Mundial, ora! Até aqui já viajamos bastante no tempo e até para alguns países, só por conta de uma palavra: a cultura.

A cultura transita do agrário ao social na sua evolução como palavra, e está associada ao cultivo da terra, do ser humano e do seu espírito, pode ser legada, ou seja, passada de geração em geração. Na passagem da palavra para o conceito: “O debate Franco-alemão do século XVIII ao século XX é arquetípico das duas concepções de cultura, uma particularista, a outra universalista que estão na base das duas maneiras de definir o conceito de cultura nas ciências sociais contemporâneas”. (CUCHE, 2009 p. 31). Muitas dessas características estão guardadas, inclusive a falta de consenso entre Alemanha e França, e serão herdadas por quem estudaria cultura posteriormente. Nas ciências sociais temos muitas definições de cultura e poucos consensos, colocando desafios para o trabalho proposto aqui.

Cultura é palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar. Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isso está presente na expressão cultura da alma. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e é até hoje.

Passemos então ao nascimento da cultura como conceito, o que faremos aqui em termos de debates iniciais.

## O NASCIMENTO DO CONCEITO DE CULTURA

Vimos acima que a palavra cultura já desperta interesses e disputas há muito tempo. Tylor (*apud* LARAIA, 2006) é o primeiro a sistematizar a palavra. Ele a transforma em conceito e a converte em ferramenta de análise da realidade.

Em seu livro “Cultura: um conceito antropológico”, Roque de Barros Laraia (2006) descreve o nascimento do conceito de cultura dentro da antropologia e sua influência na vida humana. Já no início do livro ele afasta o determinismo biológico do debate, ou seja, descartando as teorias que defendem que as características, os limites e as capacidades das pessoas estão determinadas por uma ordem genética, previamente estabelecida. A herança genética não determina o comportamento humano. Por exemplo: sobre a divisão sexual do trabalho, Laraia relata que essa se dá de maneira cultural e não biológica. O que é atividade feminina em um grupamento social pode ser masculino em outro. Laraia quer demonstrar que a determinação por via de justificativas genéticas, balizadas na herança biológica, é um erro gravíssimo.

O determinismo geográfico está relacionado a questões mesológicas, nas quais o meio dita características culturais e sociais. O que isso demonstra para nós é que, os elementos de caráter geográfico não determinam a vida social. Não podemos inferir qualquer afirmação a outrem baseada em questões geográficas, muito menos inferir sobre o caráter/moral ou sobre características inatas provenientes desta relação com o meio em que a pessoa ou grupamento vive.

Laraia (2006) cita dois termos, Alemão e Francês, respectivamente, *Kultur* e *Civilization*, de maneira grosseira: o espírito e a matéria. Edward Tylor (*apud* LARAIA, 2006) uniu esses dois vocábulos em um só: *Culture*, o qual "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer: outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (TYLOR *apud* LARAIA, 2006, p. 25). No texto nos é dito que a construção etimológica do que seria cultura é bem antiga e que essa síntese realizada por Tylor inaugura uma tradição etnográfica em torno da palavra.

Com a capacidade de aprender, comunicar e ensinar aos seus semelhantes, o ser humano rompeu com o mundo orgânico, inaugurando um mundo cultural. Segundo Laraia, Tylor acreditava na universalidade da natureza humana, logo, ele partia do pressuposto que a

cultura carregava leis gerais como as que regem o universo, ou seja, era possível encontrar leis imutáveis que se aplicariam a qualquer realidade cultural. Ao que podemos perceber no texto de Laraia é que Tylor buscava nas ciências da natureza a sua base teórica de análise social. Para ele, a diferenciação das culturas estaria provada pelo grau de evolução do grupamento social em questão e todas as culturas chegariam ao nível da Europa.

Contudo, é Franz Boas (*apud* LARAIA, 2006) que propõe uma nova forma de analisar a cultura ao colocar no debate o conceito a história como caminho para entender a capilaridade e as expressões refratárias da cultura, ou seja, a diversidade humana. A humanidade é dinâmica e assim é a cultura, individual e coletiva. Ao mesmo tempo é o que nos une e nos diferencia, este poder extremo que emana dos processos de existir enquanto espécie.

Sem dúvidas, o conceito de cultura na antropologia está longe de ser consensual e parece-me que não o será em nenhuma disciplina científica. Laraia (2006) nos apresenta elementos interessantes para pensar a cultura e demonstra para nós enquanto estudiosos que nos cabe melhor buscar uma concepção não tão determinante quando o assunto é o conceito. A leitura de Laraia nos mostra o quanto o estudo da cultura nos aproxima da nossa caminhada no planeta como espécie a partir de um viés diferenciado. Assim, o autor indica que a cultura influencia o nosso modo de viver, de modo que podemos aceitá-la ou questioná-la, mas sempre baseados na cultura em que nascemos. Mesmo caminhando para um mundo cada vez mais conectado e globalizado, as tradições, as raízes, os valores construídos, os conhecimentos que necessariamente não visam a produção, são passados de geração em geração.

A beleza da cultura reside na sobrevivência da espécie, trazendo da raiz semântica da palavra, a cultivamos a cultura ao longo tempo, para que ela se sustente nos tempos difíceis e nos sustente quando necessitamos, pois, é através da cultura que aprendemos a viver, a odiar, a amar e todas as milhares de afetividades e habilidades que necessitamos para a nossa formação enquanto seres capazes de enfrentar os desafios que a vida nos coloca. A cultura responde a isto de uma forma surpreendente, nos conectando com quem passou antes de nós com suas mensagens e conhecimentos. Essa espécie de transmissão provem muitas vezes, da oralidade, como parte da linguagem, que juntamente com o símbolo se conformam como elementos imprescindíveis para o desenvolvimento da cultura.



## A CULTURA NA SOCIOLOGIA

Santos (1987) busca situar os leitores nos primeiros momentos da compreensão do que vem a ser cultura. A discussão parte do determinismo biológico e geográfico, que segundo o texto dominou o debate sobre a cultura durante um longo tempo. Superada a noção evolutiva das culturas, ou seja, a hierarquização de culturas a partir de caracteres predefinidos, sobretudo pelos europeus, ele busca tratar a cultura em diversos aspectos.

Não apenas os recursos naturais devem ser considerados quando se pensa no desenvolvimento dos grupos humanos. Mais importante ainda é observar que o destino de cada agrupamento esteve marcado pelas maneiras de organizar e transformar a vida em sociedade e de superar os conflitos de interesse e as tensões geradas na vida social. (SANTOS, 1987, p. 10).

É importante notar aqui que Santos (1987) já menciona conflitos de interesses no estudo e no processo do que seria a cultura. Menciona também a organização e desenvolvimento dos grupos humanos no que tange à maneira de viver em sociedade, também as formas de gerir e lidar com os conflitos de afinidades, mas sobretudo a organização da vida social. O determinismo biológico (racismo, eugenia e darwinismo social) e o relativismo cultural (imperialismo europeu) exerceram influência significativa no desenvolvimento do que se tem hoje como entendimento de cultura. Sua superação, sobretudo, está ligada ao desenvolvimento do conceito.

A Europa, imbuída de sua missão de “civilizar” o mundo, sai em disparada espalhando os seus “evoluídos” pensamentos, culminando em Racismo, Machismo, Capitalismo, Imperialismo, Eugênia, Nazismo e tudo de perverso que temos como legado desse passeio dos europeus pelos continentes Americano e Africano, sobretudo. O que deixaram foi uma cultura destruidora de culturas: o capitalismo. Hoje mundializado, destrói as finas raízes e tradições construídas em diversos lugares do mundo. Dos mais de sete bilhões de habitantes do planeta, uma grande maioria já acessou a *internet* ou teve e tem contato com *smartphones*: é a hiperconexão do mundo atual.

É importante ainda lembrar que essas discussões sobre cultura se firmaram no mesmo período em que outras abordagens se preocupavam em estudar criticamente as características internas da sociedade capitalista, em estudar as condições para a sua superação e contribuir para as lutas operárias. Estudava-se assim a natureza das classes sociais e sua dinâmica, a expansão do capitalismo e seus fundamentos. Os dois planos de estudo, o da cultura e o da sociedade de classes, andam muitas vezes separados, mas nada impede que os pensemos conjuntamente. (SANTOS, 1987, p. 31).

José Luís dos Santos (1987) revela uma seara antiga no estudo da cultura: a disputa pela centralidade da vida social, ou seja, a transformação do ancestral comum no ser humano como o conhecemos hoje seria baseada em transformações culturais. A disputa pela centralidade da vida em sociedade - somos seres sociais ou culturais? Pelo que percebemos Santos propõe que somos socioculturais.

A Simbolização, segundo Santos (1987), corresponde a processos cogentes a manutenção da cultura como atividade humana. Santos coloca importância distinta, relaciona conhecimentos, informações e experiências dentro deste movimento simbólico, sendo a partir deste que o conhecimento vem sendo sistematizado, armazenado e compartilhado entre os/as participantes de determinada cultura. “É a simbolização que permite que o conhecimento seja condensado, que as informações sejam processadas, que a experiência acumulada seja transmitida e transformada” (SANTOS 1987, p. 35). A capacidade de criar símbolos nos permitiu atribuir valores e atributos ao mundo, as condutas, as relações e esta capacidade nos conecta, uma vez que é através dela que nos comunicamos e compartilhamos o conhecimento. A simbolização mantém a cultura viva e pulsante em transformação e compartilhamento.

Que fique então claro que para nós a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas (SANTOS 1987, p. 41).

Este fragmento é categórico, pois como dimensão da sociedade, a cultura é o conhecimento em sua manifestação mais abrangente possível. É movimento e gênese. Santos (1987) explora a cultura como um aspecto pelo qual a sociedade pode ser observada e transformada. A cultura como Santos (1987) a pensa pertence a todos, mas não é de ninguém. A cultura como conhecimento aparece também neste fragmento abaixo, onde já identificamos a cultura como símbolo, dimensão, e agora conhecimento em sua expressão máxima.

Podemos entender cultura como uma dimensão do processo social e utilizá-la como um instrumento para compreender as sociedades contemporâneas. O que não podemos fazer é discutir sobre cultura ignorando as relações de poder dentro de uma sociedade ou entre sociedades. Notem bem: o estudo da cultura não se reduz a isso, mas esta é uma realidade que sempre se impõe. (SANTOS, 1987, p. 65).

Santos posiciona o debate sobre a cultura e nos parece que preocupado em delimitar muito bem o que diz a este respeito. Importante que ele situa esta questão considerando um ou

mais grupamentos sociais. Considerar as contradições sociais e as disputas delas provenientes, é uma necessidade no debate sobre a cultura e a sociedade.

A cultura, como temos visto, é uma produção coletiva, mas nas sociedades de classe seu controle e benefícios não pertencem a todos. Isso se deve ao fato de que as relações entre os membros dessas sociedades são marcadas por desigualdades profundas, de tal modo que a apropriação dessa produção comum se faz em benefício dos interesses que dominam o processo social. E como consequência disso, a própria cultura acaba por apresentar poderosas marcas de desigualdade. O que nesse aspecto ocorre no interior das sociedades contemporâneas ocorre também na relação entre as sociedades. Há aí controle, apropriação, desigualdades no plano cultural. É por isso que as lutas pela universalização dos benefícios da cultura são ao mesmo tempo lutas contra as relações de dominação entre as sociedades contemporâneas, e contra as desigualdades básicas das relações sociais no interior das sociedades. São lutas pela transformação da cultura. (SANTOS, 1987, p. 70).

Apontando para um horizonte de transformação, ele termina o relato sobre a cultura de maneira muito rica, demonstrando o quanto a disputa política nas sociedades de classe é também cultural. Desse modo, a cultura não pode ser compreendida fora do contexto histórico e social em questão. Não se pode perder de vista as disputas sociais que são vivenciadas no interior de cada grupamento.

A cultura quando estudada na perspectiva de Laraia está relacionada aos grupamentos sociais que estão mais afastados dos centros capitalistas ou que não possuem conflitos de classe instalados os aspectos que garantem que as nossas diferenças nada têm a ver com hierarquizações naturais da vida humana na terra, ou que qualquer conduta cultural humana seja subjugada a luz de uma racionalidade centrada na exploração e concentração respectivamente das pessoas e dos recursos para o detrimento da manutenção da vida da espécie. Santos já nos traz uma concepção de cultura assentada na perspectiva que existem diferenças de classe, o que aproxima o debate dele da nossa realidade, ao afirmar que a cultura enquanto resultado da produção coletiva, mas os seus proventos são centralizados, no capitalismo a apropriação e, por muitas vezes, a expropriação da produção material é também expropriação cultural. O caso brasileiro, por exemplo, com a catequização dos nativos brasileiros/as e a obrigatoriedade dos escravizados/as de África de adotarem um nome europeu ao serem vendidos, revela muito bem essa questão.

A cultura é tudo o que a humanidade é e pode ser, construção coletiva e que não usufruída em sua plenitude por todos. Na sociedade capitalista a plenitude da humanidade de se resume a sobreviver vendendo seu sopro de vida e ainda “agradecer” por esta oportunidade de ser explorado, mas poder participar da roda do consumo e reproduzir a sua força de trabalho

para servir ao capital no período de maior vigor físico. O debate sobre a cultura nos fornece elementos para analisarmos o capital com o viés da teoria crítica em concomitância com este estudo da cultura são processos que caminham juntos, quanto mais perspectivas associadas a um debate desta magnitude é valioso.

O debate sobre a cultura vem para notar que elementos que estão presentes em nosso cotidiano não eternos, muito tem raízes históricas e acima de tudo o estudo da cultura nos fornece elementos para pensarmos a nossa trajetória na terra com muito mais respeito até mesmo por aquelas condutas que a partir da nossa cultura julgamos inaceitáveis. O biquíni, por exemplo, tão comum no Brasil, já em outros países, seria uma ofensa uma mulher portar tal vestimenta em espaço público. Em outras, usá-la nos espaços litorâneos, corresponderia a um dissenso, sobretudo nas culturas baseadas no nudismo. Logo, a cultura varia como variam os costumes, os hábitos, os modos de vida de um povo, ou seja, a cultura jamais pode ser universal, mas diversa, como são diversas as intuições do Capitalismo em ditar normas, regras e imposições culturais.

O debate sobre a cultura vai dizer que não existe cultura superior ou conduta cultural que possa ser avaliado a partir de outra cultura, a comparação de culturas até é possível, mas como recurso didático, enquanto análise da realidade, as condutas culturais devem ser analisadas a partir da realidade que as geraram sob pena de estarmos cometendo uma violência.

Onde mora a diversidade humana? De onde viemos? Para onde vamos? Quantas respostas as culturas humanas poderiam nos dar para estas perguntas. A beleza e a magnitude do estudo da cultura residem na possibilidade de nos enxergarmos nas diferenças, apreciarmos nossas singularidades e acima de tudo respeitarmos nossas escolhas e condutas.

Aqui residem perigos, a exemplo das condutas cristalizadas de repressão ainda presentes nos dias de hoje como o machismo, racismo e a homotransfobia. São culturas que merecem a extinção, pois são cristalizações de conhecimento que não vem somar com os fundamentos da cultura que visa a sobrevivência e manutenção da espécie.

É importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de ideias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais no país. A diversidade também se constitui de maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo

dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas. (SANTOS, 1987, p. 19).

Alguns dirão que é no trabalho que essa sobrevivência se dá, e sim, o é, mas é na relação incessante com a cultura que estas práticas vão se cristalizando até chegarem à complexidade da produção atual. Os teares mecanizados de hoje têm sua raiz na técnica de tecer fios que é muito antiga e que, até se tornar um método de produção industrial, foi passada pelas técnicas e aparatos pertencentes à cultura via manufatura, para a manutenção atual desta atividade que garante proteção das intempéries, a confecção de vestimentas e utensílios a partir do tecido.

A humanidade é limitada em alguns sentidos e infinita em outros. O reflexo deste processo, a cultura é assim também, ligada a humanidade nas suas possibilidades e obstáculos. A cultura é mundo gigantesco que dá sentido ao nosso mundo e ao mundo dos que nos cercam. No texto uma análise literária do conceito de cultura Oliveira (2015) traz uma referência mais moderna ao conceito de cultura como um conjunto de algoritmos que direcionarão nossa conduta comportamental, uma vez que são estes “programas” irão “governar” (GEERTZ, 2008.p. 32 APUD, OLIVEIRA, 2015), nosso comportamento.

Na tentativa de alcançar uma imagem mais exata do homem, quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam "programas" — para governar o comportamento (GEERTZ, 2008.p. 32 APUD, OLIVEIRA, 2015 p. 8).

O estudo da cultura permite nos respeitar, entender e analisar certos aspectos das sociedades e até da nossa própria, permitindo-nos estranhar as cristalizações e questões que muitas vezes são percebidas fora de contexto histórico, social, político e cultural e/ou percebidas e demonstradas como dadas, ou seja, sempre estiveram ali da forma como estão e parece que nunca vão se tornar outra coisa, assumem um *status* de imutável, quando na realidade o processo para sua superação passa pelo seu estranhamento. O estudo da cultura nos mostra que ela é dinâmica e que contem a gênese e o apocalipse dentro de si; encerra a tradição e emana a transformação é o movimento da transformação da própria sociedade e também a sua manutenção.

É a cultura quem nos prepara para o mundo numa perspectiva individual. Nascemos frágeis e incapazes de sobreviver sozinhos e estamos cercados por um mundo que é criado também pela cultura. Vamos à escola aprender e aprendemos, mas aprendemos também com quem nos cerca, com as regras, as condutas e a língua, com as experiências e histórias. Mais do que hábitos, a cultura pode definir ou romper com os limites dos sonhos.

Salientamos que a sua raiz com a terra não se rompeu quando a palavra se tornou conceito. O cultivo, a manutenção, o ver brotar e o replantio podem ser metáforas utilizadas para definir um pouco dessas linhas gerais que permeiam todas as construções a respeito da cultura, que ela é conduta humana, que se cristaliza no cotidiano e na hereditariedade que tem a troca como elemento de manutenção mais forte e que vai aparecer e se expressar de diversas formas no mundo.

Em suma, a nossa forma de lidar com as adversidades agora que geraram êxito ou não e através dos registros e símbolos que puderem ser gerados em torno disto garantirão as gerações futuras. Estas experiências e muitas decisões e símbolos que usamos agora em nossa realidade são provenientes de outras experiências que puderam ser preservadas para a nossa geração conseguir usufruir e se desviar dos desafios da existência. Enfim, a cultura é o que nos marca no mundo com a singularidade e que nos une com a generalidade.

Antes de terminar esta seção, é importante frisarmos alguns aspectos: Santos prefere definir a cultura como dimensão da sociedade e informa que a noção de processo é imprescindível para este entendimento, pois nele, cabem a história, a dinâmica social, as diferenças estabelecidas e os traços significativos que compõem este movimento multidirecionado que é a cultura. Fator de relevância também é que considerando esta questão de processo, a produção, a direção, os movimentos e tudo que possa caber dentro da cultura, ela ainda traz o ranço da divisão de classes, não sendo usufruída em sua totalidade e diversidade por quem têm direitos, é apropriada e centralizada nos meios sociais restritos da nossa sociedade.

Nessa linha de pensamento, voltaremos nosso olhar para a cultura soteropolitana....

## **SALVADOR: BREVE HISTÓRICO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL**

Salvador é uma cidade de contrastes inserida na dinâmica sócio histórica brasileira ocupa destaque em muitos episódios que nortearam o futuro da nação, sua importância econômica, social, política e cultural para o país é inegável. Segundo o Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural de Salvador apesar de ser notável monumento urbano e cultural a cidade ainda precisa enfrentar desafios ao seu próprio crescimento e manutenção.

De um lado, existem desafios históricos e sociais, como a segregação sociorracial, a intolerância religiosa, a violência urbana e o desemprego. De outro, há deficiências da infraestrutura urbana, como transporte, sinalização, limpeza, mobilidade, acessibilidade aérea e terrestre e serviços públicos. (FGM,2017, p.13).

Este é o retrato da realidade social e geográfica da cidade de salvador no período estudado uma cidade central nos destinos do país com saída para o mar e que guarda um acervo cultural impar no mundo, a ocupação de salvador se deu por parte dos Europeus sobretudo no litoral da cidade, característica marcante da concentração da riqueza da cidade nestas localidades. O lar do Carnaval é também anfitrião da desigualdade, do racismo, da chamada intolerância religiosa, as desigualdades de classe que se refletem na população menos favorecida nos movimentos existenciais da cidade de salvador.

Ainda que seja possível perceber que grande parte da produção cultural de Salvador está referenciada, sobretudo, no Centro Histórico, existe uma cena cultural pouco divulgada e desconhecida pelos moradores de outros locais da cidade. Em muitos bairros essa produção fica restrita ao próprio Território e não dialoga com outros lugares do município ou até fora dele. (FGM,2017, p.14).

O relato mostra esta cidade dividida segregada neste caso falando da produção cultural que fica restrita aos bairros. Podemos inferir que esta realidade reflete um isolamento que estes bairros são submetidos e não somente no âmbito da produção cultural, mas na produção da vida, ou seja reflexo da negação de direitos. A dificuldade em acessar serviços básicos é que significa uma estrutura urbana fragilizada, o ataque as religiões de matriz africana e a ausência de serviços públicos, nada mais são que expressão desta cidade de origem colonial e com práticas escravocratas por um longo período de sua existência.



## SEÇÃO II

A política cultural soteropolitana é executada pela Fundação Gregório de Matos<sup>1</sup>, entidade com personalidade jurídica de Direito Público, integrante da administração indireta do município do Salvador, vinculada à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo - SECULT, com fulcro na Lei Municipal 8.551/2014. O sistema municipal de cultura de Salvador está em processo de implantação e conta com alguns critérios federais já instituídos, como é o caso de possuir um órgão responsável pela gestão da política cultural.

São elementos obrigatórios do Sistema Municipal de Cultura já existentes na capital da Bahia: possuir uma Secretaria de Cultura ou órgão gestor equivalente, constituir e manter um conselho de política cultural e realizar as conferências de cultura. O poder público e a sociedade civil da cidade estão se organizando para cumprir com os outros dois requisitos obrigatórios de adesão ao SNC, que são: a elaboração do Plano Municipal de Cultura e a implantação de um sistema de financiamento à cultura, com a existência obrigatória de um fundo de cultura. A Fundação Gregório de Matos (FGM), órgão executor das políticas culturais municipais, tem caminhado rumo à adaptação da cidade ao sistema municipal de cultura, com a constituição do Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC), além do suporte técnico fornecido a ele. A última gestão da FGM tem zelado pela democratização dos processos de decisão e transparência no que se refere à construção de políticas públicas no campo da cultura. (FGM, 2017, P. 5).

O extrato acima foi retirado do Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da Cidade de Salvador. Nele observamos a análise dos resultados apresentados no relatório de gestão 2013 a 2016 da Fundação Gregório de Matos<sup>2</sup>. O diálogo destes dois documentos é imprescindível para o desenvolvimento do nosso trabalho, pois nele encontramos os demarcadores de classe, raça e território, propostos como foco da análise na política pública de cultura de Salvador.

O relatório de gestão expõe os resultados do período de 2013 a 2016, documento apresentado em sete capítulos e considerações finais. As categorias cobertas pelos editais de fomento incluem: Artes Visuais, Audiovisual, Circo, Culturas Indenitárias, Culturas Inclusivas,

---

<sup>1</sup> Surge em 1986 na gestão de Mario Kertz pela lei 3.601 de 1986. ver : Políticas Culturais de Salvador na Gestão Mário Kertész (1986 A 1989), disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LiliadeSouzaMagalhaeseClaudioLeal.pdf>.

<sup>2</sup> Esse relatório pode ser acessado em : <http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/index.php/fgm/relatorio-de-gestao>.

Culturas Populares, Dança, Festivais, Fotografia, Literatura, Música e Teatro. Inaugurado por uma breve introdução, descreve a realidade com que a presente gestão se depara. Uma cidade do porte cultural de Salvador teria uma Fundação Gregório de Matos fragilizada e a situação da gestão pública da política cultural delicada, recursos escassos e centralizados.

Considerando inicialmente essas condições, a presente gestão tentou realizar atividades artístico-culturais de interesse público com o intuito de democratizar a política cultural soteropolitana, além da salvaguarda do patrimônio material e imaterial da cidade. Analisamos este documento no intuito de perceber as ações realizadas pela política cultural soteropolitana neste período. Faremos paralelo deste documento com o diagnóstico cultural da cidade de Salvador. Importante frisar que não esgotaremos a política de cultura, entretanto dispomos de valiosa fonte de dados, uma vez que as informações já estão organizadas nos documentos. Assim, como pesquisador quero encontrar as “verdades” que elas escondem, a aparência que elas denotam e essência que as sustenta.

No relatório de gestão 2013-2016, publicado pela Fundação Gregório de Matos, temos informações a respeito do período em questão e a partir dos resultados apresentados faremos inferências e reflexões sobre o que estes dados expressam. Os indicadores escolhidos se justificam pela necessidade de um foco, o que não quer dizer que outros indicadores sejam menos importantes. A escolha aqui se dá pela natureza do trabalho e os limites dela derivados.

Segundo o relatório de gestão 2013-2016, os recursos investidos na cultura no período referido são de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais) e 190 (cento e noventa) projetos foram atendidos, com mais de 3000 (três mil) proponentes. Será possível explorar esses dados com os indicadores propostos?

Na introdução do documento, é ressaltado que o desafio da Fundação Gregório de Matos é contribuir, para que a política cultural tenha sua devida importância, e que as atividades foram realizadas em todas as regiões da cidade, ao longo do período coberto pelo relatório de gestão. Atividades foram realizadas, tendo sido feitas várias chamadas públicas para submissão de projetos, bem como a realização de atividades relacionadas à manutenção do patrimônio material e imaterial da cidade, além das atividades transversais, tais como: a promoção de várias oficinas e cursos de formação para os agentes culturais da cidade de Salvador.

A FGM, órgão gestor das políticas culturais municipais, ligada a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – SECULT, vem, em 2017, dando continuidade aos projetos e ações iniciados na gestão 2013-2016, em alinhamento com a Prefeitura Municipal de Salvador. Nesses últimos anos, a FGM tem retomado o seu lugar no cenário cultural da cidade de Salvador, a partir de iniciativas que atendem desde o patrimônio cultural material e

imaterial; arquivos, bibliotecas, livro e leitura; gestão dos equipamentos culturais municipais; até ao fomento à diversidade de linguagens e setores culturais existentes em Salvador, por meio de diversos editais. (FGM, 2017, p. 6).

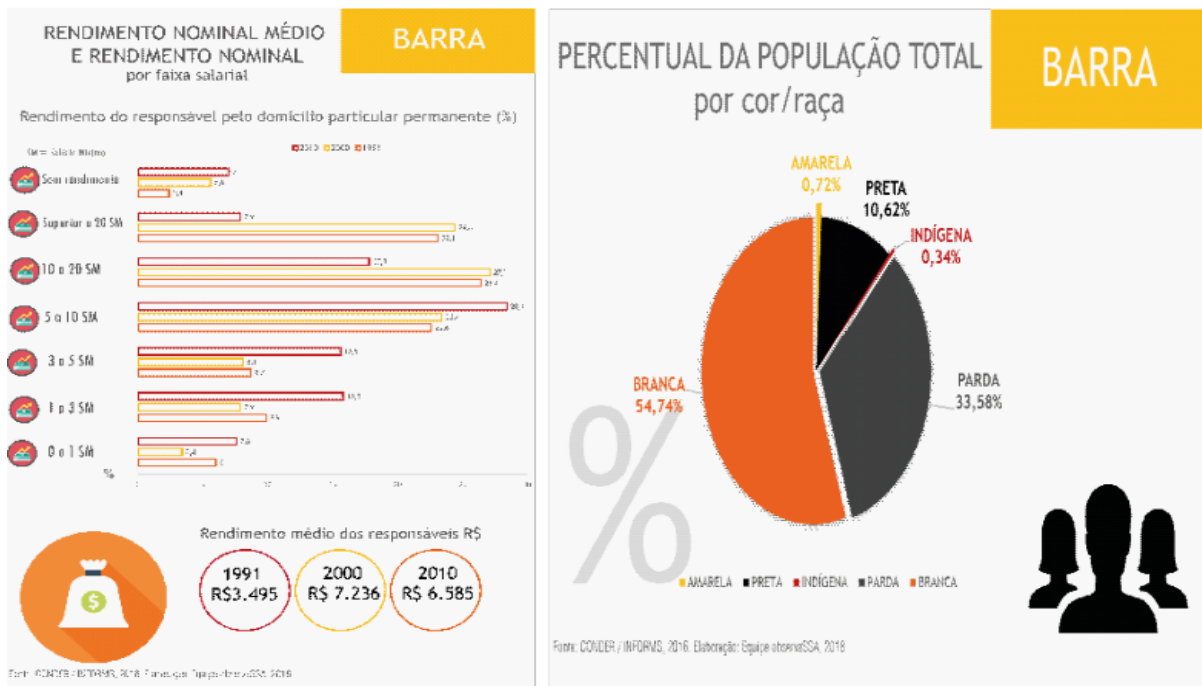
Os editais de fomento destacados aqui são, no período da pesquisa proposta por este trabalho, os que apresentaram mais solidez por cobrir todos os anos com lançamentos de convocatória para submissão de propostas. Dessa forma, encontramos no documento em análise que *Arte em toda parte* (FGM, 2016) foi primeiro edital de cultura de Salvador no âmbito da gestão municipal, e ao final de três anos, somava um montante investido de R\$ 7.200.000,00 (Sete milhões e duzentos mil reais). Esse edital contemplou 90 (noventa) da cidade, alcançou um público de (212.000) duzentas e doze mil pessoas em mais de (1300) mil e trezentas atividades, contemplando 124 (cento e vinte e quatro) projetos.

Desse modo, nos dados apresentados, percebemos um valor considerável no edital e nos seus incrementos posteriores, o atendimento à metade dos bairros de Salvador nos permite dizer que de alguma forma este recurso chegou às camadas menos favorecidas da cidade. Entretanto com os dados fornecidos, a inferência deste tipo será apenas especulativa, já que não podemos definir em quais bairros foram executadas as ações provenientes deste edital.

Já o Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da Cidade de Salvador<sup>3</sup> informa que no período estudado, os recursos da cultura estão centralizados. Aqui podemos detectar os três demarcadores propostos. Primeiramente, o territorial, visto que os bairros dos territórios centro/brotas e Barra/Pituba são os que mais receberam contemplação nos projetos submetidos à Fundação Gregório de Matos. O demarcador de classe também se evidencia, já que os bairros registrados como maior concentração de projetos na cidade de Salvador, são aqueles historicamente habitados por quem tem mais poder aquisitivo e por isso uma qualidade de vida diferente das regiões marginalizadas da cidade. E por fim, o demarcador de raça, pois a maioria da população branca da cidade reside nestes bairros com maior contemplação de projetos, opostamente a isso, os bairros que recebem mais repressão policial são os que menos receberam contemplação em projetos. As figuras abaixo ilustram bem esta realidade. Elas foram extraídas da página do observatório de bairros de Salvador.

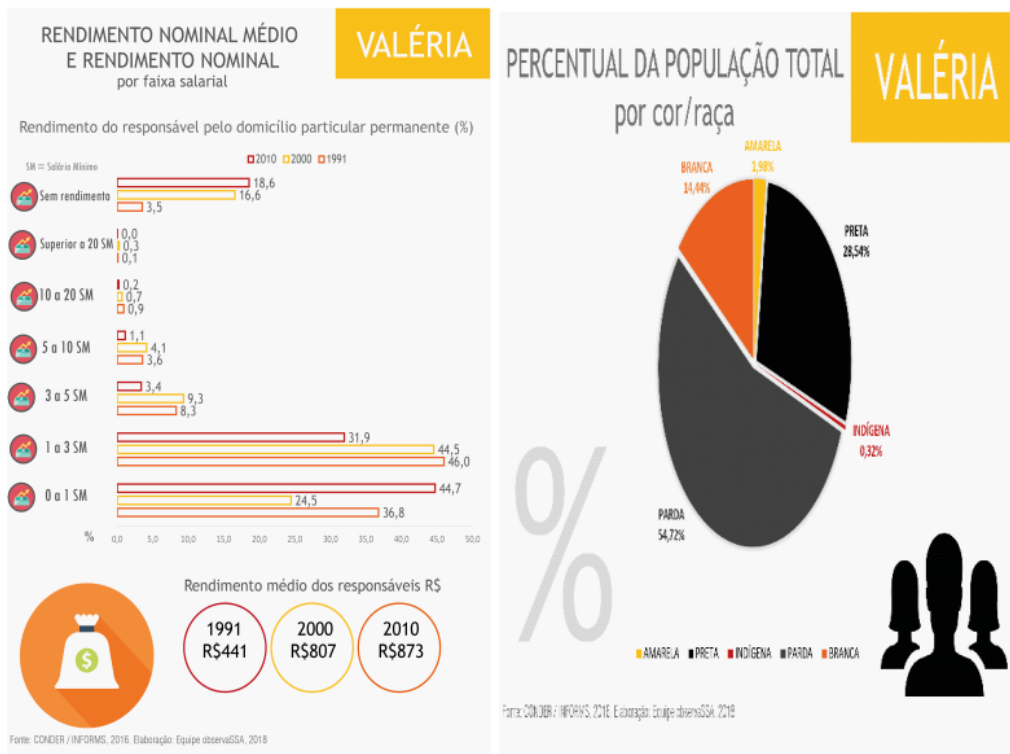
---

<sup>3</sup> Esse documento não está mais disponível na internet.



Fonte: Observatório de bairros Salvador / UFBA, 2018.

As imagens acima são ilustrativas para a compreensão das desigualdades sociais expressas na cidade de Salvador pelos demarcadores sociais de raça, classe e território. À esquerda está demonstrado o rendimento da população no bairro da Barra em 2010, e a direita a população deste mesmo bairro foi dividida por cor e raça, onde se constata o destaque a população Branca. Isso reforça o que foi dito acima a respeito dos demarcadores propostos para esta análise, ou seja os demarcadores de classe e raça e território aparecem representados nestes mapas. Adiante teremos uma outra imagem que reflete uma realidade bem diferente desta, apesar de partilhar algo em comum, ambas são reflexo da realidade de bairros na mesma cidade..



Fonte: Observatório de bairros Salvador / UFBA, 2018.

A imagem acima traz os dados do território Valéria, aqui os números são bem diferentes do bairro da barra por exemplo, a maioria se considera parda, e a população que se considera negra supera a população autodeclarada branca. Outro fator gritante é a renda média da população cerca de cinco vezes menor que o da barra. Essas diferenças marcam os indicadores propostos neste trabalho e os números das imagens comparadas, respectivamente barra e Valéria são expressivos como vimos anteriormente o bairro da barra é um local privilegiado quando o assunto acesso a produção cultural da cidade, bem como possuir meios mais palatáveis de acessar recursos para serem produtores dessa cultura. Ao passo que o bairro da Valéria está geograficamente, socialmente, economicamente localizada numa posição diametralmente oposta.

Outro edital que chama a atenção é o *Arte todo dia*, (FGM,2016) de menor porte. Em dois anos de edição contou com um R\$ 1.000.000,00 (hum milhão) de reais e contemplou 90 (noventa) bairros. Destes, 54 (cinquenta e quatro) projetos financiados, teve um alcance de duzentos e doze mil pessoas. Um edital exitoso, visto o escasso recurso e, ainda assim, a robustez das atividades realizadas. Esta ação também disponibilizou vagas para agentes culturais prestarem serviços à Fundação Gregório de Matos, às ações da prefeitura e ao

Calendário Cultural da cidade. Mais uma vez os dados apresentados no Relatório de Gestão relacionados ao que diz o Diagnóstico Cultural de Salvador.

Destaquei estes dois editais, os quais foram propulsores de chamadas públicas para atividade artístico-culturais. De certa maneira, o fomento aos grupos artísticos, a manutenção de coletivos culturais e a preservação de tradições como a capoeira passam por meio deste tipo de ação do Estado, que é o suporte financeiro aos projetos submetidos ao crivo de especialistas, para a partir da aprovação, realizar atividades diversas com o incentivo financeiro da FGM.

Ainda que seja possível perceber que grande parte da produção cultural de Salvador está referenciada, sobretudo, no Centro Histórico, existe uma cena cultural pouco divulgada e desconhecida pelos moradores de outros locais da cidade. Em muitos bairros essa produção fica restrita ao próprio Território e não dialoga com outros lugares do município ou até fora dele. Nesse sentido, a Prefeitura Municipal de Salvador, em 2013, retomou o projeto “Boca de Brasa”, criado em 1986. O projeto busca identificar artistas emergentes que ainda não conseguiram se consolidar, tal como ocorre nos bairros de Cajazeiras, do Subúrbio e da Península de Itapagipe, em que há movimentos embrionários como o hip-hop, o grafite, o samba e, até mesmo, a valsa, e dar espaço para que eles circulem pelos bairros e regiões da cidade. (FGM, 2017, p. 14).

A política pública de cultura de Salvador está em processo de institucionalização e cumprindo critérios para sua integração ao Sistema Nacional de Cultura, a saber: a manutenção do Conselho Municipal de Cultura, a conquista do Fundo Municipal de Cultura e a articulação do Plano Municipal de Cultura, o que indicam esforço empreendido no período estudado.

Contudo é preciso enfrentar as questões levantadas pelo Diagnóstico do desenvolvimento Cultural de Salvador que são questões centrais na cidade, são óbices ao desenvolvimento da própria política: as diferenças territoriais, de classe e as raciais, e que podem ser destacadas, uma vez que o espaço de Salvador pensado reflete o desenho da desigualdade instalada e mantida pela lógica organizacional, econômica, política e até cultural da cidade.

Um dado interessante, expresso no mapa, refere-se à distribuição territorial dos projetos submetidos ao Edital Arte Todo Dia 2017, da FGM. Observa-se que há uma concentração de propostas advindas do Território Barra/Pituba, com 188 projetos, seguida do Centro/Brotas, com 125. Por outro lado, o Território de Valéria, notadamente um dos menos favorecidos em aspectos socioeconômicos, apresentou apenas uma proposta. Percebe-se, por meio dessa breve análise numérica, que há uma grande concentração de equipamentos, grupos e atividades culturais nos Territórios Centro/Brotas e Barra/Pituba. Em situação diametralmente oposta encontram-se os Territórios

Valéria, Cajazeiras e Pau da Lima, onde alguns dos indicadores apresentados no mapa nem sequer pontuaram. A análise feita a partir da leitura do mapa em questão poderá ser verificada nas próximas páginas deste Diagnóstico, que se debruçou tanto em análises dos Territórios da cidade, como também nas linguagens e setores da arte e da cultura. (FGM, 2017, p. 18).

No relato acima, temos uma nítida constatação de que temos no período citado uma política pública cultural centralizada e condicionalmente excludente, claramente demonstrada por um dos documentos estudados, o Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da Cidade de Salvador. Importante perceber que uma das questões que também compõem tal concentração é identificar onde estão os mais capazes de se comunicar de maneira técnica com a linguagem corrente, e que conseguem de alguma maneira se sobressair ao apresentar propostas melhor elaboradas e por isso muito mais competitivas.

No começo desta seção, foi mencionado que haveria um paralelo com o conceito de cultura analisado anteriormente, atividade humana ligada à manutenção ou destruição dos nossos processos de existir, hábitos humanos, as condutas, a capacidade de criar símbolos, a possibilidade de hereditariedade, a relação ou oposição a natureza. Assim, quando pensamos no conceito de cultura para ser estudado de uma forma científica, com método e técnica para realização do trabalho, a sugestão é que coloquemos em outro lugar diferente daquele aquele da caixa do conceito. Melhor observá-la a uma distância segura, para que ela possa se expressar e/ou brotar.

Mas, qual o papel do Estado quando o assunto é a política pública de cultura? É garantir ferramentas que permitam que os produtores de cultura em todos os níveis possam dispor de aparato técnico, metodológico e pedagógico para desenvolver suas atividades, além do que continuidade é imprescindível. Logo, esta política de fomento através de editais fragiliza este aspecto relevante.

A política cultural soteropolitana está balizada neste conceito de cultura. Vimos anteriormente que o conceito de cultura, que cientificamente agrada os que se debruçam sobre o tema não existe num caixa única de conceito, e sim, e por conseguinte, há formas e conteúdos relacionados à/às cultura/as. Entretanto, para definir uma ação planejada, conformada em política pública, é imprescindível uma delimitação mais acentuada do conceito, como notaremos abaixo:

Desse modo, entende-se por Cultura o conjunto de traços distintivos, materiais e imateriais, intelectuais e afetivos; as representações simbólicas relativas aos

modos de fazer, viver e criar; o conjunto de artefatos, textos e objetos; os produtos mercantilizados das indústrias culturais; as linguagens espontâneas e informais; os discursos especializados das artes e dos estudos culturais; os sistemas de valores e crenças dos diversos segmentos da sociedade. No que tange à dimensão cidadã, cultura relaciona-se à garantia dos direitos culturais; à identidade e à diversidade; ao acesso aos meios de produção, difusão e fruição dos bens e serviços culturais; à participação na gestão pública; ao reconhecimento da autoria; à livre expressão e à salvaguarda do patrimônio e da memória cultural. Cultura deve ser também entendida como vetor de desenvolvimento econômico, sustentável e inclusivo, em todos os elos das suas cadeias produtivas. (FGM, 2017, p. 8-9).

Até aqui podemos dizer que Salvador tem a cultura como vetor de desenvolvimento da cidade, mas as condições sociais que fundaram Salvador colocam fortes demarcadores em uma cidade desigual sob vários aspectos.

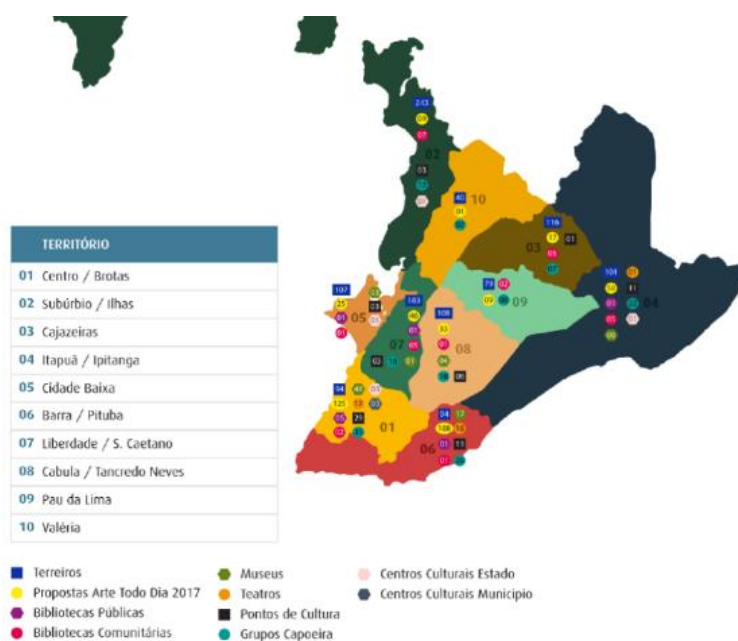
Quais aspectos das políticas públicas podemos destacar como pontos sensíveis para reflexão aqui proposta? Em uma cidade, onde os corpos não transitam livremente, a democratização do acesso aos espaços Culturais ocorre de forma irregular ou nula. Não é novidade que os espaços e os centros culturais estão concentrados, onde circulam as decisões e os recursos da cidade. Dessa maneira, a política cultural reflete a realidade dos seus atores. Em Salvador, isso quer dizer assimetria no acesso às políticas públicas de cultura, educação, saúde e previdência social. A grosso modo, são políticas propagadas intencionalmente como onerosas ao Estado e além de serem continuamente assaltadas pelos ventos do neoliberalismo. A política pública de cultura não está isenta disso e a maioria dos seus recursos provém de renúncia fiscal. Além do mais, esse baixo orçamento fica concentrado em uma parte privilegiada da cidade.

Os Territórios Centro/Brotas e Barra/Pituba são os mais bem assistidos em termos de equipamentos e infraestrutura urbana. As necessidades identificadas nesses dois Territórios são no sentido de reforçar a consolidação desses centros de cultura da cidade, como mais recursos financeiros, apoio institucional e assistência técnica para os produtores culturais. Os Territórios Cidade Baixa, Subúrbio/Ilhas, Liberdade/São Caetano, Cabula/Tancredo Neves e Itapuã/Ipitanga são intermediários nas carências e necessitam de ações mais específicas para o desenvolvimento da cultura, como as relacionadas com divulgação, articulação e comunicação, mas também apoio técnico aos produtores e editais específicos às suas necessidades. Os Territórios Cajazeiras, Pau da Lima e Valeria são os mais carentes de infraestrutura e necessitam de questões elementares para o seu desenvolvimento cultural, como espaços adequados para ensaios e apresentações, além de ateliês e laboratórios, como teatros e centros culturais. Carece, ainda, de necessidades semelhantes às dos demais Territórios. (FGM, 2017, p. 125).



O extrato acima reforça a discussão levantada através dos documentos propostos no início desta seção. Debateremos sobre a política pública de cultura em caráter territorial, na perspectiva de classe e raça de quem usufrui de fato da produção cultural da cidade, que é uma pequena parcela da população soteropolitana, ao ponto que a produção cultural destes lugares fique restrita os estes territórios.

O mapa abaixo retirado do diagnóstico do desenvolvimento cultural de Salvador, mostra exatamente esta concentração dessas atividades referentes ao âmbito da política pública de cultura. Fazer a leitura do mapa, problematizado a divisão sociocultural dos empreendimentos culturais de cada um...



Fonte: Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da Cidade de Salvador, 2017.

A imagem descreve a capital baiana demonstrando 10 indicadores adotados no Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural de Salvador, como terreiros, propostas arte todo dia, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, museus, teatros, pontos de cultura, grupos de capoeira, centro culturais estado, centro culturais municípios e uma divisão da cidade de Salvador em 10 territórios agrupando um ou mais bairros da cidade sequenciados de um a dez. A observação dos territórios marcados no mapa acima como Centro/ Brotas (01) e o Barra/Pituba (06) demonstra que esses são os que mais pontuaram em todos os indicadores em

detrimento do território 10 Valéria que pontuou em apenas três indicadores em um universo de dez.

Salvador, apesar de sua robustez cultural, ainda possui uma política tímida nestas áreas no que se refere as suas próprias metas e aspirações. Em termos de território, a produção está concentrada e centralizada, em termos de classe social os bairros que mais detém propostas de financiamento estão nas partes mais elitizadas da cidade e em termos raciais também identificamos esse demarcador, levando a afirmação de que no período estudado foi uma política centralizada e excludente, mesmo que se propusesse democrática.

A democratização do acesso à cultura deve ser entendida como o reconhecimento das necessidades do cidadão e o seu direito de acessar patrimônios simbólicos herdados, ampliando o consumo de bens culturais e garantindo serviços culturais regulares. A ampliação do acesso à cultura do município deve passar por fatores-chave, a saber: melhor distribuição geográfica e diversificação dos equipamentos culturais qualificados, transporte fácil e seguro aos locais onde as atividades culturais acontecem e preços acessíveis dos bens culturais. (FGM, 2017, p.125).

A concordância com o que é dito acima é um fato, mas como estudante de Serviço Social, eu sei que direitos precisam andar em concomitância, ou melhor dizendo, precisam ser garantidos em concomitância e incondicionalmente, uma vez que é direito, então, precisa ser garantido. Logo, o direito à cultura institucionalizada em política pública perpassa pelo direito à renda, ao trabalho, à educação, à saúde que devem estar assegurados. O extrato acima é muito mais prescritivo do que descritivo, sugerem que o rumo da política no âmbito municipal de acordo e em consonância com o desenvolvimento e as articulações, nesse sentido, desenvolvidas nas esferas federal e estadual.

A consolidação das políticas culturais para a cidade deve passar, necessariamente, pela territorialização da cultura. Isso significa a descentralização e a democratização da cultura em toda a cidade, contemplando a diversidade de expressões manifestadas nos bairros e destacando ações específicas de apoio à produção das culturas populares, identitárias, urbanas e emergentes. Os dez Territórios nos quais se subdivide a cidade de Salvador possuem características que os unem como partes de uma mesma cidade e, ao mesmo tempo, outras características que expõem as suas dessemelhanças, típicas de uma grande metrópole com aproximadamente três milhões de habitantes.[...] É interessante perceber que nos bairros menos favorecidos os grupos artísticos e as manifestações culturais permanecem atuantes, mesmo que os agentes não consigam viver da “sua arte” e tenham que se dedicar a atividades não-artísticas para se manterem financeiramente. Além disso, entre as grandes potencialidades para o desenvolvimento da cultura, Salvador possui um rico calendário de eventos, capaz de promover as manifestações culturais, grupos e artistas para a população local e para o

mercado cultural brasileiro, ainda que não esteja articulado entre si. (FGM, 2017. P.125-126).

No entendimento deste trabalho, este último extrato revela um óbice relevante a objetivação da política pública de Salvador, mesmo sendo realidade que Salvador tenha uma série de potencialidades artísticas culturais contribuindo para o desenvolvimento de uma política de cultura significativa, ainda assim, os artistas dos bairros subalternizados da cidade não vivem da sua própria arte e precisam desenvolver atividades diversas para sobreviver.

Marcas da cidade que aparecem na política pública e ao mesmo tempo elemento específico dela, uma vez que, há produtores e consumidores de cultura nos territórios descritos no diagnóstico do desenvolvimento cultural de Salvador, sendo esses subalternizados ou não, há critérios implícitos e explícitos que não garantem o livre acesso de todos ao que a política cultural de Salvador pode ofertar, membro de grupo possibilidades de chamadas públicas, para os artistas, de uma maneira geral, formação para os iniciantes e suporte para os já estabelecidos, acesso à cidade e garantia de acesso aos usuários da política. Podemos pensar muitas ações para direcionar as ações da política de cultura no sentido da formação destes artistas e fomentar as habilidades necessárias. O diagnóstico do desenvolvimento cultural de Salvador é uma etapa importante na institucionalização da política cultural soteropolitana, sendo pedra fundamental do plano municipal de cultura.

A pesquisa sobre a política de cultura desenvolvida neste trabalho pode contribuir para o debate sobre as políticas públicas dentro do Serviço Social, pois amplia ainda mais um vasto e rico campo de debate, qual seja: a permanência e a construção desse conhecimento através de outros vieses de pesquisa, interligando disciplinas profissionais, a comunicação, a arte como profissão diferentes ou que antes não se pensavam atuando juntas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, tivemos como objetivo central estudar criticamente alguns autores que debatem o conceito de cultura, bem como estudar a política cultural soteropolitana no período compreendido entre os anos de 2013 e 2016.

Dessa maneira, como resultados da nossa caminhada nestes estudos, trazemos em termos de apontamentos finais – dada a limitação operativa-temporal - elementos entrelaçados do debate acerca do conceito de cultura e do olhar crítico sobre as conformações que a gestão municipal de Salvador faz no período proposto da política de cultura.

No capital, a educação ocupa uma função definida, já a cultura é privilegiada e perigosa; tem poder semelhante ao da educação e, por vezes, através dela se instala e cristaliza. Na escola, aprendemos a cultura ocidental tendo como protagonistas e vencedores os conquistadores da Europa, isso precisa ser invertido, como vimos, a cultura não é única e sim diversa, assim como são ricas e múltiplas as formas e os conteúdos culturais.

Na cultura popular, por sua vez, encontramos as histórias dos antigos, os valores, as condutas e o respeito. Mas esse reconhecimento e pertencimento no capitalismo não rendem lucros. Por conta disso, ouvimos falar em resgate das culturas tradicionais. Aliás, o próprio capitalismo é uma cultura especializada em destruir culturas, se instala e coloca outros valores no horizonte, com a noção de felicidade baseada na posse de bens materiais e naquilo que está na aparência das coisas e das pessoas.

Até onde foi possível observar, mediante os limites estabelecidos neste trabalho, a política cultural soteropolitana está em vias de institucionalização e sua necessidade é de tornar-se democrática. Os dados apresentados no Relatório de Gestão para o período de 2013 a 2016 nos trazem uma política de cultura fervorosa e produtora com números significativos para o período e nos propõem que a gestão foi exitosa, pois a maioria das propostas e metas foi cumprida.

Entretanto, dissemos anteriormente que Salvador é uma cidade assimétrica social e economicamente, e que esse aspecto se expressará na política cultural, quando lemos o Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural da cidade de Salvador, que faz referência ao período do Relatório de Gestão sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, nos mostrando uma política cultural que não coincide totalmente com o êxito transcrito nos documentos, porque neles

mesmos estão também evidentes o inverso: investimentos concentrados em bairros mais abastados da capital baiana.

Um dado interessante, expresso no mapa, refere-se à distribuição territorial dos projetos submetidos ao Edital Arte Todo Dia 2017, da FGM. Observa-se que há uma concentração de propostas advindas do Território Barra/Pituba, com 188 projetos, seguida do Centro/Brotas, com 125. Por outro lado, o Território de Valéria, notadamente um dos menos favorecidos em aspectos socioeconômicos, apresentou apenas uma proposta. Percebe-se, por meio dessa breve análise numérica, que há uma grande concentração de equipamentos, grupos e atividades culturais nos Territórios Centro/Brotas e Barra/Pituba. Em situação diametralmente oposta encontram-se os Territórios Valéria, Cajazeiras e Pau da Lima, onde alguns dos indicadores apresentados no mapa nem sequer pontuaram (FGM, 2017, p.18).

O diagnóstico do desenvolvimento cultural da cidade de Salvador foi lançado no final de 2017 e cumpre marco necessário à implantação do Plano Municipal de Cultura (PMC). Estas vias institucionais de implantação da cultura não respondem diretamente ao que está demonstrado no nosso trabalho. Isto quer dizer que uma gestão municipal pode cumprir todos os trâmites burocráticos, inclusive ligados ao controle social, ter investimentos, projetos executados exitosamente, e ainda assim aprofundar desigualdades. E tudo leva a crer, a partir das nossas aproximações na pesquisa, que foi o caso aqui tratado.

Sabemos que somente a pressão das organizações e da população para encontrar as vias de transformação, e na cultura não será diferente. A pressão popular a respeito da política cultural precisa ser instalada na cidade para possibilitar mudanças no panorama supracitado.

Salvador é um município caracterizado pela diversidade cultural, relevância do seu patrimônio material e imaterial e riqueza das manifestações culturais, sejam aquelas de origem popular e tradicional, sejam as ligadas às novas culturas urbanas e tecnológicas. Observa-se que há muitos grupos e movimentos em atividade nos bairros da cidade, ainda que os seus artistas e agentes culturais relatem falta de apoio e valorização da produção cultural local, tanto por parte da população como dos órgãos governamentais. (FGM, 2017, p.123).

Além da organização coletiva, sempre imprescindível, e no Brasil de hoje, mais do que urgente, tomamos a liberdade e a ousadia de, na condição de agente cultural, trazer aqui indicações sugestivas. Deste lugar, eu observo a política de cultura com grande potencial, assim como o são as políticas públicas brasileiras. A importância da integração dos bairros da cidade, com o desenvolvimento de propostas conjuntas, projetos entre os bairros que busquem o trânsito entre eles. Também traria segurança e consistência nas ações se quem está na centralidade dos

recursos, decisões e monitoramentos mais constantes, comecem a frequentar outras áreas da cidade, e, portanto, encontrem um mundo diverso do seu.

Além disso, no lugar de estudante de Serviço Social, percebo que falta domínio técnico da língua portuguesa às comunidades, habilidades de planejamento imprescindíveis para colocar no papel as ideias, conhecimentos a respeito de gestão e administração de recursos e pessoas, a constituição jurídica das instituições, apoio contábil, seriam apenas algumas das dificuldades da gestão popular da cultura que podemos citar. Note que para produzir cultura estes conhecimentos podem até ser utilizados, mas não são necessários que todos que a produzem. Estas são habilidades para a submissão, gestão e a prestação de contas de uma proposta cultural.

Não obstante minha caminhada estar apenas começando neste estudo e ainda haver muito que aprender e propor, enxergo muitas possibilidades de contribuição, tanto para aqueles que estão diretamente ligados à política de cultura, quanto para o Serviço Social que tem uma tradição com as políticas da saúde, previdência social e assistência social. Não queremos propor que a partir de agora todas as Assistentes Sociais venham a trabalhar na cultura, não é isso. Ampliar nossa rede de trabalho, fomentar parcerias e discutir inovações perpassam por influenciar nossa prática como profissionais e sem dúvidas contribui para a ampliação do nosso “mundo” como assistentes sociais.

Para o Serviço Social, a compreensão de uma política tange uma atuação acertada no sentido da garantia de direitos. Nesse sentido, não podemos perder de vista que a cultura é um direito garantido na constituição de 1988, em seu artigo 215. Na leitura do Código de Ética profissional, percebemos que a defesa dos direitos conquistados pela classe trabalhadora permeia o documento do início ao fim. Logo, o interesse pela política de cultura coaduna aos interesses éticos da profissão, mas, sobretudo, estão em consonância com as necessidades da classe trabalhadora, atores que contemplam o universo da política pública de cultura soteropolitana. Vale salientar que é vasta a produção quanto ao conceito de cultura, cultura política, cultura e intervenção profissional para aquelas (es) que desejam aprofundamento, o que já não podemos dizer sobre a produção em torno da política de cultura.

Portanto, é fundamental às (aos) assistentes sociais compreender que a cultura se constitui da abrangência de formas da organização do viver em sociedade e isso é parte fundamental do trabalho destas(es) profissionais. Está na dimensão ético-política profissional como postura, é parte constituinte da dimensão teórico metodológica como aprendizado e que merece aprofundamento, e, por fim, também compõe a dimensão técnico-operativa, como

unidade que dará movimento entre o que é a realidade na sua concretude e aquilo que almejamos como sociedade.

A cultura enquanto conceito é bem diversa e vasta, dinâmica ao tornar-se política pública em Salvador, torna-se uma ação engendrada pelo Estado em conjunto com atores organizados e atores individuais do cenário cultural da cidade, torna-se também um processo que reflete as diferenças sociais e culturais de Salvador. Ação econômica, pois movimentando mercados, tem potencial de transformação social. Precisa ser enquadrada, para que seja uma ação planejada em metas e estratégias. E por fim, tem muito a contribuir com o Serviço Social no sentido de constituir campo fértil para parcerias e vivências valiosas para a nossa formação.

## Referências:

CANEDO, Daniele. "**Cultura é o quê? Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos.**" *IN: V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia 27* (2009).

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**; tradução de Viviane Ribeiro. - - Bauru: EDUSC, 1999. 256p.; 19on.: La notion de culture dans les sciences sociales 1 - Cultura. 2. Antropologia cultural. 3. Antropologia social.

Engels, F. (1876). **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zeit. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603/4239>, acesso em 15/10/2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** -: Atlas, 6. ed. São Paulo 2008. Disponível em: [gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf](http://gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf) (wordpress.com)

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978. Página: 261-284, Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/61/LEONTIEV%20O%20homem%20e%20a%20cultura.pdf>, acesso em 18/10/2019.

OLIVEIRA, Evandro de; ALVES, Adilson Francelino. **Uma Análise Literária sobre o Conceito de Cultura.** Revista Brasileira de Educação e Cultura, Número XI, São Gotardo, 2015. Disponível em: <https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura>. Acessado em: 2020

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Relatório de Gestão Fundação Gregório de Matos: 2013-2016. Salvador: FGM, 2016. Disponível em: [http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/images/RelatorioGestao/RelatRio\\_Gesto\\_-\\_Reviso\\_Final\\_-\\_2911.pdf](http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/images/RelatorioGestao/RelatRio_Gesto_-_Reviso_Final_-_2911.pdf). Acesso em 03 nov. 2017.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural de Salvador Fundação Gregório de Matos. Salvador: FGM, 2017. Disponível em: <http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/index.php/noticias/1047-diagnostico-do-desenvolvimento-cultural-de-salvador>. Acesso em 30 de julho. 2018.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. Coleção primeiros passos. Editora brasiliense. São Paulo. 1987.